

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Maryellen Danesio Santos

**TRAJETÓRIA PESSOAL NA CONSTITUIÇÃO
PROFISSIONAL: UMA REFLEXÃO SOBRE A
VIOLÊNCIA NO ESPAÇO ESCOLAR**

Taubaté - SP

2019

Maryellen Danesio Santos

**TRAJETÓRIA PESSOAL NA CONSTITUIÇÃO
PROFISSIONAL: UMA REFLEXÃO SOBRE A
VIOLÊNCIA NO ESPAÇO ESCOLAR**

Trabalho de Curso apresentado para
obtenção do Certificado Graduação pelo
Curso de Pedagogia do Departamento de
Pedagogia da Universidade de Taubaté.

Área: Educação

Orientador: Prof. Me. Carlos Eduardo Reis

Rezende

Taubaté - SP

2019

**Ficha catalográfica elaborada pelo
SIBi – Sistema Integrado de Bibliotecas / UNITAU**

S237t Santos, Maryellen Danesio
Trajetória pessoal na constituição profissional: uma reflexão sobre a
violência no espaço escolar./ Maryellen Danesio Santos. - 2019.
37 f.

Monografia (graduação) - Universidade de Taubaté, Departamento de
Pedagogia, 2019.
Orientação: Prof. Me. Carlos Eduardo Reis Rezende. Departamento
de Pedagogia.

1. Infância. 2. Violência. I. Título.

CDD – 370

MARYELLEN DANESIO SANTOS

**TRAJETÓRIA PROFISSIONAL: DESENVOLVIMENTO COMO EDUCADORA EM
MEIO A VIOLÊNCIA ESCOLAR**

Trabalho de Curso apresentado para
obtenção do Certificado Graduação pelo
Curso de Pedagogia do Departamento de
Pedagogia da Universidade de Taubaté.
Área: Educação

Orientador: Prof. Me. Carlos Eduardo
Reis Rezende.

Data: ____/____/____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms. Carlos Eduardo Reis Rezende.

Universidade de Taubaté

Assinatura_____

Profa. Ms. Cleusa Vieira da Costa

Universidade de Taubaté

Assinatura_____

Profa. Dr. Suelene Regina D. Mendonça

Universidade de Taubaté

Assinatura_____

À Deus que me deu forças e sabedoria para vencer mais uma etapa de minha vida. À minha família, e ainda, a todos os que contribuíram para mais essa realização na minha vida acadêmica e àqueles que acreditam numa educação de qualidade fundamentada no compromisso, no amor e na dedicação.

AGRADECIMENTOS

À Deus, pelo amor com que me conduziu nos caminhos da verdade, da fé e

do amor sem medidas e pela sua força divina nos momentos de angústias;

A minha família, em especial minha mãe pelo apoio a mim dedicado durante esta trajetória acadêmica;

Aos professores formadores do curso de Pedagogia a instituição Universidade Unitau de Taubaté, pela formação e transformação em minha vida pessoal e profissional;

Ao professor orientador Prof. Carlos Eduardo Reis Rezende, pelas importantes orientações e corresponsabilidade na elaboração deste trabalho;

Aos meus alunos, por me permitirem ensinar e aprender com eles.

A todos que direta ou indiretamente me apoiaram nesse percurso.

Agradecer minhas companheiras de faculdade Adriana, Amanda, Aurélia, ao meu amigo Nycolas por sempre acreditar em mim e nunca me deixar desistir.

Quero também fazer um agradecimento mais que especial a minha amiga, que a Universidade me apresentou, Sabrina Casana, pelos dias, as noites para me instruir fazer sempre o certo, a não desistir.

*A verdadeira motivação vem de realização,
desenvolvimento pessoal, satisfação no
trabalho e reconhecimento.*

Frederick Herzberg

RESUMO

O presente trabalho reflete sobre a violência no espaço escolar à luz de experiências vividas desde a infância, perpassando pelo processo de aprendizagem, formação e atuação profissional. Na tentativa de compreender o contexto da violência, utiliza-se de conceitos sociológicos, como a desigualdade social, econômica e cultural. Além disso, discute sobre a eficácia das políticas públicas e das diretrizes de bases da educação no combate efetivo da violência, levantando questionamentos sobre o funcionamento e aplicabilidade das mesmas. Por fim, pondera sobre medidas que realmente seriam eficientes no combate da mesma, como a formação dos profissionais da educação, a superação da desigualdade social e medidas que garantam o cumprimento das leis.

Palavras-chave: Infância; Formação; Atuação Profissional; Violência;

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
1.MEMÓRIA E APRENDIZAGEM	08
1.1 CONSTRUÇÃO DA MINHA INFÂNCIA.....	08
1.2 O CONTATO COM A VIOLÊNCIA POR MEIO DO BULLYING.....	10
1.3 O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM EM MINHA VIDA.....	12
1.4 TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO COM HIPERATIVIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR.....	17
2. FORMAÇÃO ACADEMICA, ESTÁGIO E EXPERIENCIA PROFISSIONAL ...20	
2.1 A EXPERIÊNCIA GASTRONÔMICA: REALIZAÇÃO DE UM SONHO.....	20
2.2 FORMAÇÃO PEDAGOGIA: TEORIA E PRÁTICA NA VIVENCIA DO ESTÁGIO.....	21
2.3 A PRIMEIRA EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL NA ÁREA EDUCACIONAL...24	
3. COMPREENDER E COMBATER EFETIVAMENTE A VIOLÊNCIA	27
3.1 A SOCIOLOGIA DE BOURDIEU: CONCEITOS E CONTEXTOS QUE PERMEIAM A VIOLÊNCIA.....	27
3.2 O ESTADO, A FAMÍLIA E A ESCOLA NO COMBATE A VIOLÊNCIA.....	30
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
5. REFERÊNCIAS	34

INTRODUÇÃO

O presente trabalho refere-se a um memorial descritivo e utiliza-se de minha história e experiências para discutir assuntos atuais e pertinentes sobre a educação. Por meio desse, trago a tona momentos de minha infância, meu processo de desenvolvimento e aprendizado e as dificuldades encontradas, assim como minha formação profissional e atuação profissional o que mostrará, portanto, meu percurso para chegar ao final de um curso superior em pedagogia, assim como os processos de aprendizagem e interiorização que me tornaram uma pessoa e uma profissional melhor e mais capacitada para ser objeto de ação e transformação no futuro de crianças.

A elaboração deste memorial descritivo, contou com a contribuição de diversos autores como, Jean-Jacques Rousseau (1999), Lev Semyonovich Vygotsky (1984), Jean Piaget (1970), Rubem Alves (1994), Antoni Zabala (1998), entre outros, fomentando e sustentando observações e experiências por mim vividas. Para tal, foi organizado em três capítulos. O primeiro capítulo aborda a trajetória da minha infância, com relação a violência através do preconceito e do bullying, o início do processo de aprendizagem e a descoberta do Transtorno de Déficit Atenção com Hiperatividade (TDAH) que possibilitou a compreensão e a minha aceitação, me incluindo de forma mais adaptada na sociedade. No segundo capítulo discorro sobre a minha trajetória profissional, com enfoque na primeira graduação, a gastronomia e toda a bagagem que me proporcionou, tornando um sonho de infância real. Também apresento o movimento de início no curso de Pedagogia e a experiência vividas por meio dos estágios e atuação profissional nas áreas da educação, já na visão como educadora. Por fim, no terceiro capítulo abordo a problemática da violência, utilizando de conceitos sociológicos para embasar a discussão que permeia o tema. Ainda discuto sobre o papel da família, do Estado e da escola para o enfrentamento e combate à violência de forma efetiva.

1 MEMORIA E APRENDIZAGEM

Você se recorda da sua infância? Existem momentos que te fazem querer revivê-la? Lembra como foi sua vida acadêmica, desde o jardim de infância até completar o ensino médio? Essas reflexões permeiam a construção desse capítulo. Nesse primeiro momento serão resgatados momentos de minha infância, do processo de aprendizado e os percalços durante o mesmo, como lidar com o bullying e o transtorno do déficit de atenção com hiperatividade-TDAH.

1.1 A CONSTRUÇÃO DA MINHA INFÂNCIA

A infância, segundo Rousseau (1999), é um dos períodos mais importantes na vida de uma pessoa. É fato que a definição de infância mudou e continua mudando devido aos esforços de pensadores do tema, atualmente já não vemos mais a criança como um mini adulto ou uma tábula rasa pronta para ser preenchida. Já compreendemos que a criança é um ser social, ou seja,

as características humanas não estão presentes desde o nascimento, nem são simplesmente resultados das pressões do meio externo. Elas são resultados das relações homem e sociedade, pois quando o homem transforma o meio na busca de atender suas necessidades básicas, ele transforma-se a si mesmo (VYGOTSKY, 1984).

Portanto, é necessário deixar as crianças livres para vivenciar a infância. É nela que a criança deve brincar, explorar, conhecer, reconhecer, vivenciar, experienciar, sentir o mundo e todas as possibilidades que existem ao seu redor. Afinal, não há quem se recorde de um gosto, um cheiro, um momento, ou não se sente saudosos de algum momento da infância?

Sendo assim, posso dizer que vivi uma infância sadia e cheia de boas recordações. Cresci na mesma casa em que moro hoje, na cidade de Taubaté. Meus pais sempre me deixaram livre para aproveitar este período de minha vida.

Eu brincava com minhas primas, jogava bola, brincava de pega-pega, taco, esconde-esconde, elefantinho colorido, qual é a música, siga o mestre com a bicicleta e o dia sempre acabava com minha mãe me chamando para entrar, pois estava tarde.

Minha mãe tinha uma lanchonete na cidade de Caçapava, trabalhava dia e noite, assim como meu pai sempre trabalhou o tempo todo para melhorar a condição de vida de todos nós. Então passava muito tempo com a minha avó paterna, a eterna vó Sebastiana e minha felicidade era poder brincar com a minha inseparável prima no quintal da nossa avó. Lá corríamos o dia todo, sentia que lá era minha segunda casa, me sentia acolhida como me sentia com meus pais e minhas irmãs. Além das muitas brincadeiras, também tinha as delícias que minha avó sempre preparava para o lanche. Ainda lembro o cheiro do café no coador de pano!

O quintal da minha avó era cheio de flores e algumas árvores frutíferas que ela cultivava. Adorava brincadeira de cozinheira, preparando comidinha, pegava escondido alguns utensílios na cozinha e então construía uma bela cozinha improvisada com blocos de construção para imitar um fogão, caixas de papelão para imitar armários, aquela mangueira laranja pendurada na parede vazando água, pois, pensava comigo como vou cozinhar sem água? Impossível! Eu mexia no quintal dela todinho, tirava pétalas das flores, cavava a terra e os tatus bolas encontrados nela era sempre a carne do prato principal. A minha avó gritava, lá da cozinha, todo santo dia para eu não bagunçar o jardim dela e o mais incrível que hoje sou apaixonada por cozinhar, pois cozinhar me faz feliz e faz as pessoas que se deliciam felizes também.

Faziam parte de meu círculo de amizades minhas primas e outras crianças da vizinhança, com as quais convivi e brincávamos muito. Porém, apesar das boas lembranças da minha saudosa infância, também tenho más lembranças. As mesmas crianças com as quais passava incansáveis tardes de muitas alegrias, também eram meu motivo de tristeza. Naquela época ainda não existia uma denominação para os apelidos “engraçadinhos” que me davam como “Marry a girada” ou “Poste”, devido ao fato de ser grande para a minha faixa etária. Mas eles já existiam e de várias formas mexiam comigo.

1.2 O CONTATO COM A VIOLÊNCIA POR MEIO DO BULLYING

Durante a infância experienciei o contato com a violência em sua forma mais esdrúxula, a violência verbal, pois é algo que não dói e não deixa marcas fisicamente, mas nos destrói internamente, mexendo com nosso emocional e gerando muitos transtornos. Durante muitos anos, essa forma de violência não obteve atenção, nem perante a sociedade e nem perante os acadêmicos.

O primeiro a buscar uma definição para tal fenômeno foi o professor da Universidade da Noruega, Dan Olweus, no fim da década de 1970. Ao estudar as tendências suicidas entre adolescentes, o pesquisador descobriu que a maioria desses jovens tinha sofrido algum tipo de ameaça e que, portanto, o bullying era um mal a se combater.

Portanto, o bullying é uma situação que se caracteriza por agressões intencionais, verbais ou físicas, feitas de maneira repetitiva, por um ou mais pessoas contra um ou mais indivíduos. O termo tem origem na palavra inglesa *bully*, que significa valentão, brigão. Mesmo sem uma denominação em português, é entendido como ameaça, tirania, opressão, intimidação, humilhação e maltrato.

O bullying possui oito categorias que o qualificam, são elas, a violência física, psicológica, moral, verbal, sexual, social, material e o cyberbullying. Na física, ocorre o contato direto entre agressor e vítima, com chutes e socos por repetidas vezes. Na psicológica, existe a perseguição, manipulação, ameaças, para que a vítima se sinta intimidada. Na moral a imagem de uma pessoa é afetada, através de calúnias, boatos, difamações que diminuem a vítima perante seu ciclo social. Na verbal é o insulto verbal, por palavras, repudiar e criar apelidos para humilhar uma pessoa ou um grupo de pessoas. A sexual caracteriza o assédio, induzir ou abusar de alguém. O social se define pelo isolamento de alguém ou um grupo, ignorando das atividades normais ou sociais. O material é quando se tem danos, avarias ou furtos com os pertences de alguém. Por fim, o cyberbullying identifica como invadir

a intimidade, expor, ridicularizar, humilhar a vítima nas internet, através de site, rede social ou aplicativos.

No Brasil, a Constituição Federal brasileira que define como “objetivo fundamental da república” (art. 3º, IV) o de “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”. Lei Nº 13.185, de seis de novembro de 2015. Porém, mesmo defendidos por lei, estamos expostos ao bullying. O combate a esse mal deve acontecer todos os dias, em todos os lugares. É preciso suprimi-lo com eficiência, principalmente no espaço escolar, em que lidamos com crianças se desenvolvendo, se conhecendo e se construindo.

Com isso, me tenho a memória, que apesar de já ter tido contato com o bullying durante a infância, entre as crianças das quais convivi, o vivenciei na escola de maneira mais acentuada e cruel. Recordo-me de um episódio que aconteceu no início do meu ingresso escolar. Havia um garoto que a cada dia me dava um novo apelido, o seu passatempo predileto era pensar maneiras para me zombar, mesmo sabendo que as ofensas me magoavam e me deixavam irritada. A gota d’água foi quando me chamou de “baleia das grandonas”, sem pensar muito, em um ato de defesa, arremessei minha mocinha contra o mesmo e ele acabou desmaiando, devido a objetos de metais que eu carregava, como estojo e caneca. Eu acreditei, naquele momento, que minha única saída era repudiar a violência com violência. Essa é um dos efeitos do bullying na vida do agressor e do agredido.

o comportamento agressivo ou violento nas escolas é hoje o fenômeno social mais complexo e difícil de compreender, por afetar a sociedade como um todo, atingindo diretamente as crianças de todas as idades, em todas as escolas e em todos os países do mundo (ARRUDA, 2013. *apud*. FANTE, ano,2011 p.168).

O preconceito já é naturalizado e enraizado em nossa sociedade. É mais comum do que se pensa e mesmo as crianças mais novas, demonstram preconceito e dificuldade para aceitar as diferenças, como cor da pele, características físicas (alto, baixo, gordo ou magro), entre outro. O preconceito, em especialmente o

bullying, é reflexo da intolerância arraigada na sociedade, seja por meios culturais, econômicos e religiosos. E reflete na formação das crianças que absorvem desde cedo que o diferente é errado, é ruim e merece ser zombado e/ou excluído. Tornando o meio social e educacional hostil e fazendo com que cada vez mais, não possamos perceber o outro como um ser humano, igual a nós ou a qualquer outro.

O mesmo pode ocorrer em qualquer contexto social, como em escolas, universidades, dentro da família, vizinhança e locais de trabalho. O que, à primeira vista, pode parecer um simples apelido inofensivo pode afetar emocionalmente e fisicamente o alvo da ofensa. No espaço escolar pode gerar isolamento ou queda do rendimento escolar (ANDRADE, 2011).

1.3 O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM EM MINHA VIDA

O contato com a leitura e a escrita aconteceu de forma muito natural em minha vida. Antes do ingresso à escola, despunha em minha casa de livros, revistas, jornais, filmes infantis, televisão, entre outros, que me imergiram no mundo da linguagem oral e escrita e me permitiram passear pelo mundo da imaginação. Apesar dos meus pais não terem concluído os estudos, faziam de tudo para que minhas irmãs e eu tivéssemos acesso a uma educação de qualidade.

Quando coloquei os meus olhos e meus pequenos pezinhos na escola, pela primeira vez, tinha entre 4 ou 5 anos. Lembro-me que a escola não era grande, porém para o meu olhar curioso, tudo parecia grandioso, novo, um mundo a ser desbravado. Uma de minhas irmãs também estudava nessa escola, o que contribuiu para não me sentir assustada com essa nova fase da vida. A escolinha era bem próxima de casa, havia muitas regras a serem seguidas. Usávamos uniforme e pra tudo tinha hora, até para comer! Era realmente um mundo novo. Todos os dias, um novo aprendizado e incontáveis momentos relatando todos os detalhes do meu dia aos meus pais, se eternizam em minha memória. Era de se notar o deslumbramento que a escola me causava.

Em 1999 fui para outra escola, considerada como pré-escola. Esta se localizava próximo à igreja Nossa Senhora da Imaculada Conceição. Nela havia

somente quatro salas de aula, os itens que compunham nossa lista de materiais eram uma caneca de metal, um estojo, também de metal, com lápis de cor novinhos, usados somente por mim, um caderno de brochuras encapado na cor azul, igual para todos os alunos e também usávamos um plástico azul para cobrir a mesa. Sentia a mesma sensação que na escola anterior, era tudo novo, novos amigos, um novo mundo, novas descobertas e tudo era muito diferente.

A rotina nessa escola era diferenciada, com novas regras. Todos os dias antes de iniciarmos as aulas, fazíamos uma oração. Havia uma professora maravilhosa, chamada Andreia, que nos ensinava todas as matérias. Foi com ela aprendi a ler e a escrever. Mesmo com as dificuldades no processo de aprendizagem que me acompanharam durante toda a vida escolar e acadêmica (abordarei esse assunto a seguir), a professora nunca me deixou desistir, me incentivava e me dava forças para continuar buscando o conhecimento. Ela sempre me dizia “Você consegue sim! É capaz de qualquer coisa, basta se esforçar um pouco mais, que um dia brilhará!”.

Nessa escola, já lidando com as minhas dificuldades de aprendizado, me deparei com o bullying. Como nela era tudo novo e diferente, as amigadas também eram. E como sempre me destaquei pelo tamanho, apesar da mesma idade que os demais, começaram a surgir apelidos. Foram incalculáveis momentos até uma reação extrema, como já relatei no subcapítulo anterior, reagir a agressão verbal com a agressão física. Não sabia me defender de outro jeito, então usava da violência como recurso para combater a violência que me assombrava.

A escola em que estava estudando tinha um vínculo com outra escola, no bairro Santa Luzia. Então, no ano seguinte, com 7 anos de idade, novamente mudei de escola. Mais uma vez tudo novo, novos professores, novos amigos, nova estrutura escolar, novas regras e novos costumes. O processo de aprendizagem estava sempre entrelaçado com as adaptações de mudança de escola e refazer os ciclos de amizade. Situação estressante e cansativa para uma criança.

Os espaços de vivências [a casa, a escola, o bairro] representam uma experiência decisiva na aprendizagem e na formação das primeiras estruturas

cognitivas; e em sua materialidade, propiciam experiências espaciais que são fatores determinantes do desenvolvimento sensorial, motor e cognitivo (PIAGET, 1970).

Quando conhecemos e reconhecemos o espaço, nos apropriamos dele, criamos vínculos, raízes e passamos a nos sentir pertencentes ao meio. No espaço escolar isso contribui no processo de desenvolvimento e aprendizado. Além disso, a escola em si possui influências ocultas ou manifestas que podem contribuir ou não para a formação do indivíduo, não se caracterizando como espaço neutro, podendo, portanto, gerar inclusões ou exclusões.

Aqui, também me deparei com novas experiências, comecei a ir para a escola de Van, já que era um pouco mais longe de casa e ainda era nova pra ir sozinha andando. Nessa escola, além do momento de oração para iniciar as atividades, cantava-se o hino nacional e o hino de Taubaté uma vez por semana. Além disso, o prédio era maior e passei a ter aulas de informática e educação física com outros professores. Os funcionários eram todos acolhedores e nos tratavam bem, me sentia acolhida ali. Sem contar a merenda, que era maravilhosa, feito com amor.

Nessa escola, as salas de aulas eram mais numerosas com uma quantidade de 20 a 25 alunos por sala. Me recordo de uma professora em especial neste período de 1º a 5º série, ela se chamava Ana Carla. Era uma professora muito rígida, falava com firmeza, mas também gritava muito com os alunos e, apesar disso, foi uma professora muito paciente comigo e com os demais alunos no que diz respeito ao ensino e ao processo de aprendizagem de cada um.

Finalizo meu período de formação nessa escola em 2005 levando muitas lembranças boas. Sem dúvidas umas das melhores escolas que já estudei. Muitas experiências, muito aprendizado, muitos amigos eternizados. Nela até o bullying não era algo frequente e pude me dedicar aos estudos e lidar com as dificuldades de forma mais leve.

Em 2006, fui para a 6ª série numa escola maior que a anterior, nesse ano eu passei a ir caminhando para a escola com uma de minhas irmãs, que já estudava lá no período da tarde, era um trajeto de aproximadamente 25 a 30 minutos de caminhada. Já havia sido alertada pela minha irmã e suas amigas, sobre as

diferenças entre as escolas, para que me sentisse menos perdida. Contaram-me que nesta escola, o recreio era chamado de intervalo, que teria um professor para cada matéria e haveria novas matérias também, como artes, filosofia, sociologia, inglês e ensino religioso. Depois de começar a me adaptar a escola, aos funcionários e professores, ao ritmo de funcionamento e aos colegas, mais uma ruptura, mas uma mudança. Lá estava eu, começando tudo outra vez.

Como já imaginava nesse ano, meu rendimento escolar foi péssimo, notas baixas ou na média. As novas matérias me deixavam todo bimestre de recuperação. Não era por falta de estudo e nem de esforço pessoal, como pontuava meus pais e professores. Quando sentava para fazer a avaliação tudo desaparecia, como se nunca tivesse ouvido falar sobre aqueles assuntos. O pânico tomava conta de mim e saía das avaliações me sentindo derrotada, fracassada.

Esse sentimento é carregado por todos os alunos que passaram pelo sistema tradicional de ensino, a avaliação era um mecanismo de avaliar meramente conteúdos passados pelos professores, memorizados pelos alunos e depositados na avaliação. Os alunos que conseguiam memorizar mais conteúdos eram tidos como os melhores. Não se levava em conta o processo de aprendizagem do aluno, o mesmo se transformava em repetidor de conteúdos.

O prazer de aprender desaparece quando a aprendizagem é reduzida a provas e notas; os alunos passam a estudar para se dar bem na prova e para isso têm de memorizar as respostas consideradas certas pelo professor ou professora. Desaparecem o debate, a polêmica, as diferentes leituras do mesmo texto, o exercício da dúvida e do pensamento divergente, a pluralidade. A sala de aula se torna um pobre espaço de repetição, sem possibilidade de criação e circulação de novas ideias. (GARCIA, 1999, p. 41)

Nesse sentido, apesar de todo meu esforço, no dia do meu aniversário, me deparei com a reprovação pela primeira vez na vida. Então, vi todos meus amigos iniciando uma nova série e eu ficando para trás. Recordo-me que a reação dos meus pais não foram as melhores. Me julgaram e diziam que eu não prestava atenção nas aulas, não me esforçava e não dava valor a oportunidade de estudo

que estavam me dando. Foi um momento muito marcante em minha vida, lidei com muitos sentimentos e decidi que faria diferente dessa vez.

Em 2007, eu cursava o 6º ano do ensino fundamental novamente, com outros alunos, mas já conhecia todos os professores e as matérias. Essa seria uma segunda chance de aprender o que não fui capaz antes e me redimir, dando orgulho ao meu pai e a minha mãe. Logo minhas notas melhoraram, exceto em matemática, a qual desde sempre tinha dificuldades, porém sem recuperação, só me mantinha na média. Mesmo que para os meus pais não fazia mais que a obrigação em ir bem, já que era a segunda vez, me senti orgulhosa por ser capaz de me superar.

Nos anos seguintes, apesar das dificuldades, consegui ir vencendo as etapas do fundamental com muito apoio dos meus amigos que até hoje tenho contato. Estudamos juntos para todas as provas, juntando então o conhecimento de cada um em uma área específica, conseguindo por fim no formar. Aproveitamos muito o tão sonhado baile de formatura, pra mim, em particular, foi a festa da vitória, um ciclo se encerrava para uma nova etapa se iniciar. Me senti orgulhosa e grata, afinal a males que vem para o bem e a reprovação me deu uma segunda chance, bons amigos e esse sentimento de que sou capaz.

No ano de 2010, precisei mudar de escola novamente, pois o ensino médio, nessa escola municipal, era muito concorrido e só os alunos com as melhores notas permaneciam. Foi então que ingressei em outro colégio particular, mais uma vez tudo diferente, a escola particular é um choque de cultura, um universo novo e inexplorado, com novas regras, ritmo diferente, professores diferentes e novos colegas. Apenas uma amiga da antiga escola me acompanhou, pelo menos não me sentia tão perdida e sozinha.

Essa escola oferecia também o curso técnico, iniciei então em nutrição no período vespertino, juntamente com o ensino médio no período matutino, passando a ficar mais tempo no colégio do que em casa. Era um ritmo muito mais cansativo e exigia muito de mim. Foi então que as dificuldades voltaram a aparecer. Somente no meio do ano um dos meus professores, um em específico o de física, percebeu o meu problema e me encaminhou para uma psicopedagoga.

Somente no ensino médio descobri que toda a minha dificuldade no processo de aprendizagem era denominado de TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade), eu não era incapaz ou ignorante, apenas tinha um transtorno tratável. Porém, meus pais não acreditaram, achavam que era frescura e que eu estava procurando desculpa para não estudar, que era preguiça.

Sem receber os devidos cuidados, a doença me atrapalhou mais uma vez. Sempre achei que jamais teria aquele sentimento de novo, mas a reprovação aconteceu novamente em minha vida. Foi um momento muito difícil, ninguém acreditava em mim e nem eu mesma. Já descrente da minha capacidade, juntei um pouco de força que havia em mim e continue perseverando nos estudos, mas para conseguir me dedicar somente ao ensino médio, desistindo do curso técnico.

No meio do 2º ano do ensino médio, quando minha mãe foi chamada novamente na escola e, depois de conversar muito com ela, consegui que me levassem ao médico para que eu pudesse receber o tratamento e então ter mais uma chance de concluir meus estudos. E foi quando encontrei uma Psicopedagoga, que pediu uma série de exames com neurologistas, fonoaudiólogos e então veio a confirmação do diagnóstico, eu realmente tinha o TDAH e desse dia em diante, comecei a ser uma nova Marry, com os medicamentos adequados consegui focar mais, acreditar mais em mim e concluir o ensino médio.

1.4 TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO COM HIPERATIVIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR

A descoberta do TDAH foi um divisor de águas na minha vida. Se descoberto precocemente teria evitado muito transtornos ao longo da minha vida educacional. Nesse sentido, sinto o dever de esclarecer três questões: O que de fato é o TDAH? Como podemos identificá-lo? E como lidar com o portador de TDAH?

O TDAH é uma doença difícil de ser diagnosticada, visto que ainda é algo novo e alvo de estudos científicos. Segundo Andrade (2011), a definição para o transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH):

é uma desordem neurobiológica caracterizada por dificuldade em privilegiar um foco e sustentá-lo com nível suficiente de atenção, modular níveis de atividade cognitiva e, em alguns casos, controlar comportamentos impulsivos. Acredita-se que seja uma desordem no sistema executivo, e não um comprometimento primário na inteligência ou no conhecimento.

Sendo assim, a criança ou o adulto com TDAH não consegue fixar o foco em algo por um longo período de tempo, não conseguindo se concentrar, ficar muito tempo sentado ou parado, apresentando comportamentos impulsivos. Influenciando de forma direta o rendimento escolar, profissional e o relacionamento social do indivíduo. É assim que conseguimos identificar o transtorno. Apesar de não ter ainda um método científico para identificá-lo, gerando bastantes controversas sobre o diagnóstico, se faz necessário realizá-lo para melhorar a vida das pessoas afetadas pela doença.

Assim como qualquer doença, o TDAH precisa de aceitação do paciente, dos familiares, dos amigos, da escola e do local de trabalho. O médico não deve tratar o paciente de forma isolada, deve envolver todos no processo de tratamento do paciente. É necessário apresentar informações, criar planos de ações e incentivos, tanto na escola/trabalho, quanto em casa, para que assim, juntamente com os remédios, a criança ou adulto possa progredir no tratamento. Sendo assim, o tratamento do TDAH deve:

ser focado no controle dos sintomas, na educação em classe, na melhoria do relacionamento interpessoal e na transição para a vida adulta, a fim de propiciar “alívio do sofrimento causado pelos sintomas, e não apenas melhora das notas escolares (ANDRADE, 2011, p. 459).

Portanto, o tratamento do TDAH não é algo para melhorar a nota do aluno e sim desenvolvê-lo e capacitá-lo para a vida, garantindo sua transição para a vida adulta de forma mais leve, equilibrada e consciente. Sendo capaz de se conhecer, saber seus limites e buscar superá-los. Percebe-se, então, a importância da formação de qualidade do profissional da educação. Formação essa que deve despertar a percepção sensível do educador perante o educando, para que possa

acompanhar de forma afetiva seu processo de aprendizado e desenvolvimento. Como pontua Vygotsky (1991):

o aprendizado não é desenvolvimento, entretanto, o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer. Assim, o aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas.

Cabe ao educador e a escola auxiliar o aluno nesse processo de aprendizado e também de desenvolvimento, garantindo a formação integral do ser. Que na concepção de Zabala (1998), é formar o indivíduo em todas as suas instâncias, desde ser, saber ser e saber fazer. Garantindo não só sua formação profissional, mas também a formação pessoal, contribuindo para a construção da identidade do sujeito enquanto ser pertencente e atuante na sociedade.

Depois que comecei o tratamento do TDAH tudo passou a fazer sentido na minha vida, conseguia ver o mundo com outros olhos. A atenção, o foco, o rendimento escolar e a interação social melhoraram de forma significativa. Já não sentia tensão ao lidar com o novo, sabia que agora podia me controlar para realizar tudo que eu quisesse. Até minha ansiedade diminuiu. A vida realmente começou a fazer sentido!

Agora que a vida voltou aos eixos, estava formada no ensino médio, diagnosticada, me tratando, veio o questionamento: Qual o próximo passo? Que faculdade fazer? Qual curso fazer? Qual profissão exercer? Para auxiliar nesse momento de dúvidas, realizei um teste de aptidão profissional, com uma psicóloga, o qual me resultou três possibilidades. A gastronomia, minha paixão primeira desde a tenra idade, a pedagogia, mas ser professora com TDAH parecia algo impossível e por fim, a psicologia, algo não obstante em meus planos.

2 FORMAÇÕES ACADEMICAS, ESTÁGIO E EXPERIENCIA PROFISSIONAL

Sabemos que uma política de formação profissional direcionada para nossa realidade precisa, pois, nascer no chão da escola para voltar-se a ela, atentando para as múltiplas dimensões em sua formação e implementação, capazes de construir competências coletivas e definir a intencionalidade da prática educativa. (ALVES, 2009, p.94)

2.1 A EXPERIÊNCIA GASTRONÔMICA: REALIZAÇÃO DE UM SONHO

Nossa linha entre a adolescência e a vida adulta é tênue. Sentimo-nos imaturos quando saímos do ensino médio e precisamos decidir com firmeza o que queremos ser e fazer para o resto de nossas vidas. O que é posto para nós é que só temos uma chance de “ser alguém na vida”, quando na verdade já somos tantas coisas, já tem tanto de nós construído e definido, preparado para encarar o mundo e sua realidade O sujeito está pronto para bater asas, mas é tolhido por uma escolha que limita e te coloca em uma caixinha.

Quando me senti perdida nessa decisão tão importante, procurei fazer o teste vocacional, um dos caminhos apresentados foi a gastronomia. Pesquisei sobre o que era o curso, quais os lugares que o ofereciam, valores e como seria a carreira após o diploma. E como gastronomia era minha paixão desde pequena, decidi investir nisso. Logo, ingressei em uma instituição, localizada na cidade de Campos do Jordão-SP.

O curso foi tudo que sonhei e mais um pouco. As aulas eram incríveis, com muitas práticas, demonstrações e conteúdos interessantes. Aprendi absolutamente tudo, os conceitos, a origem dos ingredientes, permeando a cultura e tradição envolvidas em cada prato. Aprender a cozinhar era uma viagem de volta ao mundo sem sair da cozinha.

o ato de comer, está entre o que é natural e o que é social/cultural no homem, pois para sua sobrevivência é indispensável o alimento, que por sua vez, é utilizado e

adaptado de acordo com os hábitos e costumes praticados em seu meio (BARBOSA, 2012, p.2 *apud* FRANZONI, 2016, p. 16).

Logo, se comer é praticar cultura, preparar o prato é lidar com essa cultura. Por meio da gastronomia aprendi a entender as diferentes culturas e a respeitá-las, a lidar com o outro de forma mais sensível. A gastronomia desperta a alteridade, o se pôr no lugar do outro, compreender como o outro pensa e sente, respeitando, assim, suas escolhas e gostos.

O término do curso me concedeu grande satisfação pessoal, aquele amor por cozinha tinha sido aperfeiçoado, profissionalizado. Poderia fazer o que eu amava todos os dias da minha vida. Porém, a realidade da profissão é bem diferente. Consegui meu primeiro emprego logo que me formei, comecei a trabalhar na cozinha de um restaurante. Não era um programa de televisão, era trabalho duro, pesado, cansativo e suado. Existe muita atenção, preparo, agilidade, dedicação e preparo físico. Estar à frente de um restaurante, coordenar uma grande cozinha e uma equipe é um trabalho que exige muito jogo de cintura e denota grande responsabilidade.

A cozinha não é um espaço que permite erros, não há possibilidades de “dar um jeitinho”, ou você fez o certo, ou fez errado e precisa começar tudo de novo. É necessárias muitas horas de dedicação, o que gera um cansaço físico excessivo. Nesse momento, percebi que a realidade profissional da gastronomia não me satisfazia. Sentia-me mais cansada do que satisfeita.

Resolvi seguir em frente e parti para o segundo resultado do meu teste vocacional, a pedagogia. Esse contato com a gastronomia foi de suma importância para perceber o que eu realmente queria. Os professores, as metodologias, as práticas, o universo pedagógico me encantou durante meus estudos. Em 2015, iniciei pedagogia na Universidade de Taubaté (Unitau).

2.2 FORMAÇÕES PEDAGOGIA: TEORIA E PRÁTICA NA VIVENCIA DO ESTÁGIO

A pedagogia surgiu em minha vida como uma segunda chance de me encontrar profissionalmente, contrapondo as expectativas sociais de “ser alguém na vida”, decidida a não ser passarinho na gaiola fui me aventurar pelo mundo da educação. A primeira pergunta que nos fazemos ao iniciar o curso é: Porque pedagogia? Dentre tantas opções, o que fez o seu coração bater mais alto e depressa? Quando refleti, me veio todas as recordações da infância, todo meu processo de aprendizado, minhas dificuldades, minhas descobertas, minhas superações. Eu simplesmente tinha certeza que educar e ser um educador diferente, alguém que eduque para a vida, era o que eu queria ser. Afinal, “ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais”. Rubem Alves.

A pedagogia foi um abrir de olhos em minha vida. Enquanto aprendia sobre o ato de educar, fui compreendendo meu próprio processo de aprendizado, relacionando minha infância e momentos que vive na escola. Percebi métodos que dificultaram minha aprendizagem, quanto os que facilitaram. Aprendi que cada um tem seu tempo de aprendizagem e desenvolvimento e, segundo Zabala (1998), não é possível ensinarmos sem nos determos nas referências de como os alunos aprendem, chamando a atenção para as particularidades dos processos de aprendizagem de cada aluno (diversidade). O professor precisa estar atento e cumprir o papel de mediador do mesmo.

[...] a aprendizagem é resultado da interação do indivíduo com o outro, considerando-se a maturação biológica, a bagagem cultural e a nova situação que se apresenta. Portanto, existem diferenças individuais que precisam ser levadas em consideração quando se trata de aprendizagem escolar, pois, esta é um processo pessoal, individual que depende de múltiplos fatores (VYGOTSKY, 1998, *apud* SOUZA *et al*, 2009, p.10-11).

Somente na faculdade senti que meus conhecimentos foram levados em conta. Que toda minha vivência e experiência eram valorizadas e possuíam significado. Foi durante o curso que percebi que a aprendizagem dos conteúdos

caminha lado a lado com a prática. Para compreendê-la, faz-se necessário entender a função social do ensino, corroborando com as ideias anteriores, Zabala (1998) defende a formação integral do ser, formando os indivíduos em todas as instâncias. Nesta, a escola deve formar não somente o profissional, mas também o pessoal., auxiliando a construção de identidade e pertença, para que a pessoa atue de forma efetiva e crítica na sociedade. Unindo, portanto, teoria e prática, a qual denominou de práxis.

As coisas das quais aprendi, fizeram ainda mais sentido quando iniciei os estágios, podendo ter contato com escolas públicas, particulares e vivenciando diferentes tipos de cultura, processos de aprendizagem e desenvolvimento. O ato de adentrar a escola, mas agora como profissional em formação, denota um novo olhar, uma nova percepção. Tudo era cuidadosamente analisado por mim com base nas teorias e autores que já havia tido contato. Mais uma vez senti a sensação que sentia quando iniciava em outra escola, mas dessa vez como professora mediadora, que ensina, mas também aprende.

O universo das escolas particulares é diferente, tanto entre si, quando se comparada a uma escola pública. Nesse primeiro ano de estágio tive o contato com duas escolas particulares diferentes. A primeira escola em que estagiei no ensino fundamental I. Nessa, apesar de toda a estrutura que a escola apresentava como ar condicionado nas salas, biblioteca bem equipada, laboratório de informática com computadores novos, piscina e sala de música, o método de ensino era tradicional. Não fazia o aluno pensar, somente decorar, absorver informação e conteúdos. Totalmente focada para passar no vestibular, sem se importar ou dar valor para a formação pessoal dos alunos.

Já a segunda escola, em que permaneci pouco tempo, tive contato com a educação infantil. Nessa, apesar de não ter uma estrutura atualizada quanto à outra, a didática era diferente. Aqui o que o aluno sente, pensa e sabe é levado em conta. Os alunos eram levados a refletir, imaginar e inventar. Reconhecendo o aluno múltiplo, com diferentes culturas, habilidades, capacidades, processo de desenvolvimento e aprendizado.

Somente no ano seguinte puder ter um contato mais efetivo com a rotina de uma escola pública, quando iniciei como auxiliar de desenvolvimento infantil (ADI), nas escolas municipais de Taubaté-SP. Experiências essas que irei discorrer no próximo subcapítulo.

2.3 A PRIMEIRA EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL NA ÁREA EDUCACIONAL

Como dito, prestei o concurso no ano de 2018 para auxiliar de desenvolvimento infantil (ADI), passei e comecei a trabalhar em uma creche da rede, na qual permaneci por nove meses exercendo a função de berçarista. Aqui convivi com diferentes crianças, de diferentes idades e diferentes necessidades. Ao contrário do que se espera ou imagina, essa creche oferecia bons recursos para os alunos. As salas possuíam tatames, armários individuais para os alunos, banheiro com banheira e chuveiros, havia muitos brinquedos, livros, circuitos, móveis, enfim, eram muitos recursos que garantiam o bem-estar, aprendizado e desenvolvimento das crianças.

Nessa escola vivenciei toda a rotina do berçário e pude aprender várias atividades para trabalhar com os alunos de modo a desenvolver todas as suas capacidades. Utilizando todos os recursos para que as crianças pudessem explorar diferentes texturas, cores, formas, sons, tamanhos, temperaturas, entre outros.

Por meio dessa vivência pude desmistificar a atuação do educador infantil, já que existem diversas formas de trabalhar com os pequenos, comprometendo-se com seu pleno desenvolvimento e aprendizado. A creche não é somente um espaço para que as crianças fiquem depositadas, sejam cuidadas, alimentadas e utilizar o brincar como forma de distração. Tudo na escola é momento de aprendizado, inclusive o brincar. Afinal, por meio da brincadeira e do lúdico a criança aprende com mais eficiência, interiorizando esse aprendizado.

Ao se observar uma criança brincando, pode-se identificar suas vivências, experiência, sua bagagem de conhecimentos, sua forma de lidar com o outro, com o meio em que está inserida, sua capacidade de imaginação, entre outros. Tanto a brincadeira livre, quanto a brincadeira direcionada, ou seja, com intenções

pedagógicas, nos revelam tanto sobre a criança, quanto suas influências, cultura e saberes. Sendo assim, a brincadeira deve ser considerada como “uma combinação dessas impressões e baseada nelas a construção de uma realidade nova que responde às aspirações e aos anseios da criança” (VIGOTSKY, 1984, p 17).

Por motivos pessoais solicitei transferência para uma outra unidade de ensino, mas nela só permaneci por 3 meses, sendo remanejada para outra escola. Foi aqui que vivenciei momentos complicados da profissão de educadora. Nessa creche fiquei na sala do jardim, hoje conhecida como etapa 2. Porém, passava mais tempo como auxiliar de inclusão (AI), já que nela havia um aluno com transtorno de espectro autista (TEA). Acompanhava em todas as atividades, dando suporte e auxílio, de modo que seu desenvolvimento pudesse ser contínuo.

A escola em questão, localiza-se em um bairro carente. Existem casos de pais envolvidos com tráfico de drogas ou associados ao crime ou que já estão presos pelo mesmo. Era nítido o abandono parental, a carência, a falta de atenção, carinho, cuidado e amor. A falta de um lar estruturado e por consequência a falta da participação dos pais na vida educacional dos alunos.

Logo no início dessa experiência me deparei com questões nunca vivenciadas durante meu processo de formação e atuação na área da educação. Nesta sala, havia outro aluno que demandava mais tempo e dedicação que o aluno com TEA. Pelos funcionários da escola era conhecido como o aluno problema, o “coisa ruim”. Foi aí que o drama educacional se iniciou.

Esse aluno em questão exibia um comportamento extremamente agressivo, não sabia dar e nem receber carinho. Não era capaz de conviver com nenhum colega de sala, já que agredia a todos. Não sendo suficiente, passou a me agredir também, com chutes, tapas e puxões de cabelo. Quanto mais chamava atenção com relação às suas atitudes, mais violento se tornava. O ponto mais crítico na nossa relação, foi quando o mesmo, ao escutar um não, que o impedia de agredir seu colega, rapidamente segurou uma tesoura e a enfiou em meu braço.

Quando busquei compreender as atitudes da criança, me deparei com sua história de vida complicada. Seus pais estavam presos e ele vivia em lar temporário. Parte do seu desenvolvimento inicial se deu sem a presença dos pais, sem a

atenção, o respeito, o carinho e o amor que toda criança necessita. Ele simplesmente não sabia amar e ser amado.

Outra dificuldade era como a escola e os funcionários lidavam com essa criança. Além de rotular e marginalizar o aluno, eles sentiam medo dos seus pais. Não havia uma reação ao comportamento do mesmo por receio de retaliação de seus familiares. Já que mesmo presos exercia forte influência no bairro. Priorizando uma falsa sensação de segurança, visto que a violência já estava dentro dos muros da escola e eles a legitimam todos os dias, decidiram por se calar.

3 COMPREENDER E COMBATER EFETIVAMENTE A VIOLÊNCIA

Para dialogar com o relato supracitado, relacionado ao “aluno problema”, utilizarei o autor Bourdieu, que por meio de seus conceitos, nos auxiliará na compreensão do contexto que envolve esse aluno, sua família, a violência, assim como o posicionamento da escola perante o ocorrido. Além disso, será questionado as medidas que existem para combater a violência e mudanças para que se efetive de fato o combate a mesma

3.1 A SOCIOLOGIA DE BOURDIEU: CONCEITOS E CONTEXTOS QUE PERMEIAM A VIOLÊNCIA

No capítulo anterior, trago a tona momentos de violência sofrida dentro do ambiente escolar, entre mim e um aluno. Caso esse, que vem se tornando comum na realidade escolar. A violência está emergindo no ambiente escolar em todos os níveis de relação, ou seja, entre professor e aluno, entre aluno e funcionários, entre os próprios alunos e entre os pais e professores. A fim de compreender esse cenário, trago o autor Bourdieu e suas teorias sociológicas, que darão luz aos problemas vivenciados na escola.

A priori, devemos destacar a formação do indivíduo, que segundo Bourdieu (ANO /et al), não é um sujeito autônomo, para a construção da sua identidade, sua

forma de agir, pensar e falar sofre influência do meio e de suas relações pessoais. Sendo assim,

a ação das estruturas sociais sobre o comportamento individual se dá preponderantemente de dentro para fora e não o inverso. A partir de sua formação inicial em um ambiente social e familiar que corresponde a uma posição específica na estrutura social, os indivíduos incorporariam um conjunto de disposições para a ação típica dessa posição (um *habitus* familiar ou de classe) e que passaria a conduzi-los ao longo do tempo e nos mais variados ambientes de ação (NOGUEIRA & NOGUEIRA, 2002, *apud* Bourdieu).

Com isso, o autor pontua que a criança, durante seu processo de desenvolvimento e aprendizado, absorve a cultura, ou seja, o hábito de sua família, sua comunidade e de todos os espaços que frequentam inclusive a escola. Nesse sentido, se a mesma não crescer em um lugar sadio, estruturado, equilibrado e que a estimule, ela tende a reproduzir o que é dado a ela. Logo, um ambiente hostil, violento, onde falta atenção, cuidado, acolhimento, afeto e incentivo, formará indivíduos semelhantes ao meio. Sendo assim, cada indivíduo passa a ser caracterizado por uma bagagem socialmente herdada (NOGUEIRA & NOGUEIRA, 2002).

Essa bagagem se relaciona diretamente a três aspectos, segundo Bourdieu, o capital econômico, capital social e capital cultural. O capital econômico diz respeito a quantidade de bens materiais que a pessoa possui, ou seja, suas riquezas. O capital social seria as relações de influências mantidas pela família, bem como sua classe, etnia, sexo, local de moradia, entre outros. Por fim o capital cultural seria a formação que a família possui seus diplomas e profissões. Basicamente o capital econômico e social atua como meio de acumulação do capital cultural (NOGUEIRA & NOGUEIRA, 2002).

Já que o capital cultural, nada mais é que a formação de um indivíduo, a escola está intimamente ligada ao processo de desenvolvimento e acumulação de capital cultural. Sobretudo, o autor destaca que a escola não é um espaço neutro, pode tanto contribuir para a aprendizagem e desenvolvimento do aluno, quanto legitimar ações que o excluam.

A educação, na teoria de Bourdieu, perde o papel que lhe fora atribuído de instância transformadora e democratizada das sociedades e passa a ser vista como uma das principais instituições por meio da qual se mantêm e se legitimam os privilégios sociais (NOGUEIRA & NOGUEIRA, 2002, p. 17).

Pela lógica, quem possui maior capital econômico e social, consegue investir em uma educação melhor, garantindo a aquisição do capital cultural. Pessoas com uma renda melhor tem uma vida social mais estável, garantindo aos seus uma vida mais confortável. Além de garantir momentos de lazer com mais frequências. Tudo isso contribui intimamente para a aquisição de conhecimento e experiências, ou seja, capital cultural. Conseqüentemente, esses pais passarão a participar mais ativamente da formação de seus filhos, exigindo mais dedicação e empenho, para garantir que seu futuro seja ainda estável e confortável.

Contudo, podemos perceber que a criança violenta do meu relato, somente reproduzia a sua própria história de vida, cercada por negligências, desafeto e violências simbólicas, por parte da escola, que legitimava a desigualdade e reforçava a atitude do mesmo por meio de violência simbólica. Entende-se por violência simbólica, segundo Bourdieu, toda atitude ou fala que diminua ou deslegitime a cultura de alguém (NOGUEIRA & NOGUEIRA, 2002). Como por exemplo, o fato de os funcionários chamarem a criança de “coisa ruim”, ao fazê-lo eles confirmam e interiorizam no indivíduo esse sentimento, contribuindo para uma formação pessoal negativa. Além de uma fala determinista, que diz o que ele é mesmo antes de ser, fazendo com que venha a ser, a menos que rompa com esse ciclo. Isso pode gerar, futuramente, transtornos psicológicos e sociais.

Nesse sentido, é necessário que a formação de profissionais da educação, assim como todos que integram e atuam no espaço escolar, seja voltada para lidar com situações como a violência, o bullying, transtornos mentais, doenças físicas, entre outros.

[...] seria fundamental avançarmos em direção a leituras sobre indisciplina e violência que superem visões e estratégias baseadas em simples controle social, que tanto esvaziam as

relações pedagógicas. Parece-nos mais produtivo pensar os desafios representados por indisciplina e violência como oportunidades para uma profunda revisão em nossas visões e práticas pedagógicas. (GARCIA, 2009, p. 522).

Assim como políticas públicas que proporcione essa formação, que de forma efetiva, de o apoio aos educadores e a escola quando essas situações são vivenciadas. Tornando a escola democrática, garantindo de fato a inclusão e permanência de seus alunos e gerando de fato igualdade de oportunidade aos mesmos. Além do cuidado social por parte do Governo, para que cada vez menos a desigualdade seja uma realidade. Para que assim diminua a violência e a criminalização de seu povo.

3.2 O ESTADO, A FAMÍLIA E A ESCOLA NO COMBATE A VIOLÊNCIA.

A Constituição Federal Brasileira é composta por inúmeras leis que servem ao povo brasileiro, garantindo direitos e deveres a todos. Porém, ter uma lei em vigor não significa que ela será exercida de forma efetiva e justa. Fazem-se necessárias medidas para que as mesmas sejam cumpridas. Além disso, nossa constituição é antiga, mesmo com as emendas, faz-se necessário uma reforma, para que atenda às mudanças sociais que enfrentamos. Apresento a seguir dois artigos, um referente à constituição e outro referente a lei de diretrizes e bases da educação, ambas com o mesmo conteúdo de discurso, que diz que:

Constituição Federal do Brasil

Art. 227 É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (Emenda Constitucional nº 56, de 2007)

Lei de Diretrizes e Bases da Educação

Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Como dito, ambas trazem a ideia de que a família e o Estado são responsáveis pela criança e adolescente em todas as instâncias. Porém, uma crítica que trago é, quem garante que a família ou o estado estão assegurando de fato todas as coisas a que se propõem? Se a família falhar, como o estado saberá para poder agir? Já que o meio de intercâmbio entre eles possivelmente é a escola, que muitas vezes também negligência a criança por diversos motivos, sendo um deles o próprio medo da família que a criança integra.

Além disso, o próprio Estado não garante que os indivíduos que o integram tenha uma vida digna, já que existem estratificação e desigualdade social. O que gera dentro da sociedade desemprego, criminalidade e violência. É um ciclo difícil de ser rompido, porém necessário. Apesar das medidas de apoio e incentivo, como o bolsa família e outros, ainda não se faz suficiente para equilibrar e dar oportunidade de igualdade a todos.

A escola, instituição que também é responsável pela formação do indivíduo, ressaltando que não é exclusividade dela o ato de educar, trás em suas diretrizes dois momentos que se caracterizam como compromisso do combate a violência, que são esses:

Lei de diretrizes e base da educação:

(Art. 26) § 9º Conteúdos relativos aos direitos humanos e à prevenção de todas as formas de violência contra a criança e o adolescente serão incluídos, como temas transversais, nos currículos escolares de que trata o **caput** deste artigo, tendo como diretriz a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), observada a produção e distribuição de material didático adequado. (Incluído pela Lei nº 13.010, de 2014)

(Art. 12) IX - promover medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência, especialmente a intimidação sistemática (**bullying**), no âmbito das escolas; (Incluído pela Lei nº 13.663, de 2018)

Assim como a constituição, a lei de diretrizes e bases da educação, também possui sua fragilidade. A mesma ressalva trago para essa questão, a escola é acompanhada e fiscalizada pelo Estado, pela família e pela comunidade. Mas da mesma forma, se uma delas ou todos falharem com a criança, não estarão atentos às falhas da escola com a mesma. Podemos dizer então que é um castelo de cartas, se umas das cartas caem, todas caem juntas. E a criança, com toda sua inocência, fragilidade e dependência, não sabe se defender ou expressar o que sente, ficando a mercê de um sistema falido que de fato não garante assistência.

Neste sentido, faz-se necessário uma reformulação em todas as esferas, tanto política e econômica como social, modificando sua estrutura, suas ações e sua comunicação, a fim de garantir tudo que se propõem em lei. Cabe também um espaço de formação para todos os envolvidos com a educação, para que consigam lidar com todas as questões que emergem no universo acadêmico, principalmente no que se refere a violência, foco desse texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho proporcionou uma profunda reflexão interior, pois me permitiu relembrar a infância, meu percurso educacional e profissional. Além disso, por meio do contato com autores, conceitos e a compreensão dos mesmos, foi possível lançar um novo olhar sobre o tema.

Apesar de a violência ser algo presente e persistente em nossa sociedade, é notório que ainda não estamos preparados para lidar com ela. Nenhuma instância se apresenta pronta para combater de prontidão a violência, garantindo segurança e bem-estar a todos.

É fato que a violência está na escola, está na família e está na sociedade, em diferentes momentos e de diferentes formas, por meio de agressões verbais que exerce comprometimento psicológico, podendo ser a fala de um professor ou dos pais que diminui e limita a capacidade da criança. As punições e castigos que de

alguma forma exclui a criança. As ameaças e coerções, que desperta o medo e ações indesejadas pelo mesmo. Situações essas que são banalizadas, mas que revelam violência nas relações interpessoais.

Portanto, o fenômeno da violência decorre de questões de ordem social, econômica e cultural de uma sociedade. Enquanto educadores em constante luta frente aos problemas sociais devemos olhar com atenção especial aos educando, comprometendo-se com sua formação em todas as instâncias, mantendo-os seguros e em pleno desenvolvimento. Objetivando um cidadão inserido em seu contexto social de forma digna.

Este trabalho iniciou-se por uma vivência de violência enquanto educadora, ou seja, dentro do espaço escolar. Mas, enquanto foi se estruturando, pude me despir de concepções e crenças, desvendando os olhos a fim de compreender a fundo todas as relações que envolvem a violência, o agressor e seu contexto. Sendo possível agir de outra forma se casos como esses voltarem a se repetir e até mesmo tomar atitudes para que casos como esses nunca voltem a se repetir.

Eu Maryellen Danesio Santos, outra pessoa completamente diferente após o período do curso e com a finalização diferente onde passei por fases como criança onde eu presenciei inúmeras formas de passar por violência, na via adulta onde passei a estudar e compreender as leis e saber exatamente onde devemos intervir para prevenir o ato e ao escrever a conclusão do meu curso reviver tudo com detalhes o que passei e poder me emocionar, ao me abrir com colegas e professores sobre minha vida inteiramente pessoal.

Por essa razão considero pertinente a criação de espaços para discutir a violência com a intenção de combatê-la de forma efetiva. Assim como espaço de formação que envolva a todos que possua um vínculo direto ou indireto com a educação, visando enfrentar a mesma.

REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Dolores Fortes. **Favorecendo a inclusão pelos caminhos do coração: complexidade, pensamento ecossistêmico e transdisciplinar idade.**

Rio de Janeiro: WAK. ED,2009.

Andrade, Cristiane Ruth Mendonça. **Ambulatório de Déficit de Atenção do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais (AMBDA – HC/UFMG)**, 2011.

Arruda, Aparecida L. M. Martins. **Bullying: Quando a brincadeira fica seria, causas e consequências**, 2013.

Brasil. [Estatuto da criança e do adolescente (1990)]. **Estatuto da criança e do adolescente**: lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, e legislação correlata [recurso eletrônico]. – 9. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2010.

Constituição da republica federativa do Brasil de 1988. **Emenda Constitucional nº 91 de 2016.**

Enfrentamento à violência na escola / Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. **Diretoria de Políticas e Programas Educacionais**. Coordenação de Desafios Educacionais Contemporâneos– Curitiba: SEED – Pr., 2010. - p. 172 (Cadernos temáticos dos desafios educacionais contemporâneos).

Franzoni, Elisa. **A gastronomia como elemento cultural, símbolo de identidade e meio de integração**. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Ciências da Educação.

GARCIA, R. L. A Avaliação e suas implicações no fracasso/sucesso In: ESTEBAN, M. T. (Org.). Avaliação: **uma prática em busca de novos sentidos**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. p. 29- 49.

Lei de Diretrizes e base da Educação Nacional, **Lei 9.394**, de 20 de Dezembro de 1996.

Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), para estabelecer o direito da criança e do adolescente de serem educados e cuidados sem o uso de castigos físicos ou de tratamento cruel ou degradante, e altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Art. 12 e 26**.

Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015, que institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). Art.3.

https://www.pensador.com/educacao_rubem_alves/ acessado em 08 de outubro de 2019.

<http://www.planalto.gov.br> acessado em 10 de outubro de 2019.

ROUSSEAU, JEAN-JACQUES. **Emilio ou da Educação**. Tradução de SÉRGIO MILLIET. São Paulo — Rio de Janeiro .Título do original francês: Émile ou de l'éducation ★ 1979

SOUZA, Maria Ester do Prado. Família/Escola: **A importância dessa relação no desempenho escolar**. SANTO ANTÔNIO DA PLATINA -PARANÁ -2009

VYGOTSKY, Lev Semyonovitch. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VIGOTSKY, Lev Semyonovitch. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

VYGOTSKY, Lev. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Zabala, Antoni. **A prática educativa: como ensinar/** Antoni Zabala; tradução Ermani F. da F. Rosa- Porto Alegre: Artmed 1998.